

MELLO, Heitor Ferraz. *Um a menos*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. 75p.

Um a menos é um livro de poesias. A expressão “um a menos” foi sugestão de um amigo do autor, que também é poeta e que havia lido um artigo no qual estava escrito: “um homem que rega uma planta num dia de chuva é um a menos”. Essa frase serviu então de inspiração para elaborar os poemas, que apresentam versos sem rima, quase uma prosa, tendo como temática o cotidiano do homem comum.

Heitor Ferraz Mello reside em São Paulo, mas nasceu na França. É jornalista, poeta, editor de livros e Mestre em Literatura. Estreou em 1996 com *Resumo do dia*; depois publicou mais quatro coletâneas de poesia: *A mesma noite* (1997); *Goethe nos olhos do lagarto* (2001); *Hoje como ontem ao meio-dia* (2002) e *O pré-desperto* (2004). Em 2006, reuniu os cinco títulos num livro: *Coisas imediatas*. Em 2009, lança *Um a menos*.

O livro é dividido em três partes, que formam uma sequência. A primeira é a mais longa, pois apresenta poemas entre os quais há uma relação de continuidade, mas que também podem ser lidos separadamente, sem que o sentido se perca; é a que tem por título “Um a menos”. O autor escreve versos, mas conta uma história que se passa em seu íntimo. Essa primeira parte apresenta 36 poemas, sem títulos, ligados por um “e” comercial, que simboliza a inter-relação entre eles. Os sete primeiros tratam de formas de se abrirem caminhos; no oitavo, o poeta sente-se excluído: “o um a menos”.

A partir desse ponto, ele começa a se afastar da vida junto à natureza, passando a observar os defeitos da cidade. Sente falta do passado; quer recuar, mas não consegue. Passa então a perceber sinais de humanidade em seres não-humanos. Pensa em como surge um corpo e como se resgatam as relações interpessoais. Desse trecho em diante, explica que as coisas acabam se não forem cultivadas, que as pessoas não têm tempo para a amizade, que a natureza está sendo invadida pelo progresso e sofre as consequências, como o desequilíbrio, apesar de possuir a cura para os problemas da humanidade.

Em um poema, refere-se a uma morte e com ela desaparecem todos os seres dependentes dessa vida. Sente saudades e dá valor a todos os gestos e a todos os seres: ama-os. Valoriza a casa, a origem da casa, ou seja, a razão pela qual a morada foi criada e percebe que ela não está cumprindo sua função, pois aprisiona em vez de libertar e acolher. Busca consolo para a morte na natureza, nota que seu filho não convive com esta, porque brinca entre grades. Recorda a sua infância com João-de-Barro, árvores que cresciam sem ser

necessário plantá-las, lembra do rio. Observa o contraste do meio em que vive: não há quase nada de natureza.

Pela necessidade de devanear, sonha, mas com máquinas e queria sonhar com natureza. Sonha um sonho refletido no espelho, perdido na memória. Sente-se destruído, como a natureza. E isso seria apenas o começo.

Pensa em um poema, mas tem que sair de si para senti-lo. No entanto, não consegue. Experimenta apostar na sorte, no amor que não há, pois as pessoas se protegem de tudo, precisam resgatar até sua própria intimidade. Até as casas rejeitam as pessoas, tudo tem de ser padrão, sendo difícil ao poeta acordar para essa realidade.

Na segunda parte, os poemas são enumerados do um ao onze e todos possuem o mesmo título – “Dias assim” – tendo como assunto o vício do cigarro, a degradação que ele provoca, por tirar a vontade de viver, resultando em um distanciamento entre as pessoas em vista do odor que é exalado. Assemelha-o à morte. Essa situação de isolamento lhe traz lembranças saudosas de algo bom.

Ao final: “Minha voz”. São poemas sem numeração e sem título, que abordam a angústia do poeta em busca de sua identidade: quer entrar, procura casa, está sozinho, não sabe se é feminino ou masculino, o seu “eu”, pois em seu íntimo há dois comandos: um que exige e outro que tudo releva, perdoa, mas no fundo deseja ser amado e tanto a ponto de dois se tornarem um só.

Por meio de uma linguagem espontânea, extraída do cotidiano, Heitor Ferraz Mello compõe seus versos empregando metáforas diversas para expor sua maneira de sentir os acontecimentos da atualidade e que fazem parte de seu mundo, mas que compartilha com seus amigos, a quem dedica alguns poemas.

Poesia é um gênero textual direcionado a diversos públicos, uma vez que os temas abordados são comuns a todos, mesmo que seus leitores pertençam a classes sociais ou níveis intelectuais distintos. Ler poesia possibilita estabelecer conexões com outro universo de sentido.

Neides Marsane John Bolzan

Aluna do Curso de Mestrado em Letras da URI-FW